

1 Inclusive, aliás

1.1

Na pequena biografia escrita por Cacaso publicada na página final de seu último livro lançado em vida, *Beijo na boca e outros poemas* consta que:

[Antonio Carlos Ferreira de Brito] nasceu em 1944 em Uberaba, Minas. Morou em Alfredo de Castilho e Barretos, interior de São Paulo. Aos 11 anos veio morar no Rio, onde está até hoje. Formou-se em Filosofia e entre as décadas de 60 e 70 lecionou Teoria da Literatura e Literatura Brasileira. Neste período colaborou regularmente em vários jornais, entre os quais *Opinião* e *Movimento*, escrevendo crítica literária. Desde menino gosta de desenhar. Faz pouco a barba. Tem um filho chamado Pedro. É compositor popular. Gostaria de assistir a passagem do século (CACASO, 1985: 163)

O poeta ainda teria mais uma filha, chamada Paula, em 1987, ano de seu falecimento. Cacaso não assistiu a passagem do século, mas a passagem do século foi testemunha das duas principais reedições de sua obra. A primeira, *Não quero prosa*, publicada em 1997, reuniria os principais textos críticos de Antonio Carlos, reunidos antes de sua morte e organizados postumamente por Vilma Arêas. A segunda publicação viria em 2002: *Lero-lero*, a primeira e única reunião de sua obra poética editada¹.

Em abril de 2008, tive a felicidade de ser o pesquisador responsável pela organização do inventário e do arquivo de Cacaso, doados em 1989 por Rosa Emília Machado Dias, viúva do poeta, para o Arquivo-Museu de Literatura Brasileira. No mesmo ano, eu ingressaria no doutorado pela Faculdade de Letras da PUC-Rio com um projeto de tese que continuaria a minha pesquisa de mestrado, e que tinha como objetivo estabelecer uma leitura comparativa entre a novíssima geração de poetas brasileiros e portugueses. Em 2009, após uma reunião com Pedro Landim, filho de Cacaso, e com Laura Escorel, editora da Ouro Sobre Azul, ficou decidido que faríamos, sob minha organização, um livro de textos inéditos de Cacaso. A partir de então, o panorama da jovem poesia

¹ Ainda seria publicados no ano 2000 a segunda edição de *Beijo na boca*, livro de 1975, pela Editora 7Letras e, em 2004, *Na corda bamba*, livro de 1978, reeditado pela editora Bem-Te-Vi.

lusófona deu lugar à obra de Antonio Carlos de Brito enquanto objeto de estudo da então futura tese de doutoramento que aqui apresento.

1.2

Em 1994, o filósofo francês Jacques Derrida — cujo desconstrucionismo estaria em pleno desacordo com o pensamento sociológico de Cacaso — proferiu sua famosa conferência *Mal de arquivo*, na qual reelaboraria um “novo conceito de arquivo” pertinente às drásticas mudanças dos meios de comunicação e informação que marcaram o final do século passado e o início do século XXI. Para tal reelaboração, Derrida, logo nas primeiras páginas de seu texto, faria uma releitura crítica da definição do vocábulo “arquivo”, da raiz grega *arkhê*.

Arkhê, lembremos, designa ao mesmo tempo começo e comando. O princípio da natureza ou da história, ali onde as coisas começam — princípio físico, histórico, ontológico —, mas também o princípio da lei ali onde os homens e os deuses comandam, ali onde se exerce a autoridade, a ordem social, nesse lugar a partir do qual a ordem é dada — princípio nomológico (DERRIDA, 2001: 11)

Vale citar — antes da proposta do filósofo francês — uma definição de arquivo, distante longos 45 anos do da conferência de Derrida, feita pelo português Mário Gonçalves Viana, autor de um curioso manual chamado *Arte de classificar e de arquivar*. Segundo Viana, “arquivo” provém de “dois elementos helênicos: *arkhaios*; ‘antigo’ e *epô*, ‘dispor, ter cuidado’. Arquivo seria, portanto, a arrumação das coisas antigas” (VIANA, 1949: 15). Ainda segundo o autor, em latim, além do vocábulo *archivum*, “usaram-se, também, as palavras: *tabularium*, *aerarium*, *archium*, *tablinum*. O guarda do arquivo era designado por *chartularius*, *chartarius*” (idem) que no português deu origem a palavra “cartório”. A pesquisa etimológica de Derrida mostra que tanto o *archivum* latino como o seu guarda, o *chartularius*, vieram do *arkheion* grego que inicialmente significava uma casa,

um domicílio, um endereço, a residência dos magistrados superiores, os *arcontes*, aqueles que comandavam. [...] Era em seu lar, nesse lugar que era a casa deles (casa particular, casa de família ou casa funcional) que se depositavam então os documentos oficiais. Cabiam-lhes [aos arcontes] também o direito e a competência hermenêuticos. Tinha poder de interpretar os arquivos. [...] Foi assim, nesta

domiciliação, nesta obtenção consensual de domicílio, que os arquivos nasceram. (DERRIDA, 2001: 12)

Dada a qualidade arcôntica deste que escreve, o objetivo desta tese de doutorado é, a partir de uma primeira interpretação do arquivo total de Antonio Carlos de Brito — dividido entre o Arquivo-Museu de Literatura Brasileira e o acervo de Pedro Landim —, estabelecer uma trajetória intelectual do autor, levando em consideração as vantagens e as desvantagens do pioneirismo da empreitada. Para tal, dois procedimentos foram naturalmente empregados para conduzir esta narrativa. O primeiro está intrinsecamente ligado ao modo de observação de Cacaso em relação à literatura, modo este herdado do pensamento de Antonio Candido, prógono da geração de críticos pares de Antonio Carlos.

O escritor, numa determinada sociedade, é não apenas o *indivíduo* capaz de exprimir a sua originalidade (que o delimita e especifica entre todos), mas alguém desempenhando um *papel social*, ocupando uma posição relativa ao seu grupo profissional e correspondendo a certas expectativas dos leitores ou auditores (CANDIDO, 2008: 84)

Portanto, a trajetória intelectual do poeta não será balizada apenas pelas suas características originais enquanto *indivíduo*, mas também pelo seu *papel social*, e a “tensão entre [estas] veleidades profundas e a consonância ao meio, caracterizando um diálogo mais ou menos vivo” (idem) entre Cacaso e seu público.

O segundo procedimento refere-se à aplicação da crítica genética, procedimento inerente à interpretação dos acervos arquivísticos de escritores. Resumidamente, a função da crítica genética é retrazar o percurso da escritura de um determinado texto de determinado autor, ao mesmo tempo desvendando e considerando os vestígios deixados ao longo do processo de criação da obra. Seu objetivo final é revelar a total engenharia do texto, ou seja, “o processo de sua produção fundamental para se compreender, não apenas a obra acabada, mas sobretudo as implicações históricas, linguísticas, estéticas e literárias que nela atuaram de modo a torná-la o que ela é ao fim do processo” (BRANDÃO in ZALUAR, 2002: 10). Da mesma forma que uma obra literária é apenas o resultado deste longo processo de transformação, uma trajetória intelectual inteira, analisada a partir de suas estruturas internas, dos bastidores de sua formação, é

apenas um extenso caminho a ser percorrido, passível de inúmeros desvios e relações, mas, como todo caminho, com início, meio e fim. Diferentemente de uma obra literária, inescapável ao acabamento final, a matéria principal de uma trajetória intelectual, a reflexão crítica do autor, possui características inerentes ao processo: rasuras, correções, substituições, reafirmações, contradições, etc. Refletir, portanto, é a trajetória, a travessia, o processo em si. Dispondo do acesso integral aos 1655 documentos catalogados no arquivo de Cacaso, recolhido no Arquivo-Museu de Literatura Brasileira da Fundação Casa de Rui Barbosa, no Rio de Janeiro, bem com aos 25 cadernos escritos pelo poeta e guardados por Pedro Landim, seu filho, esta tese pretende erguer um painel possível do pensamento estético de Antonio Carlos de Brito.

Ao tratar de um arquivo de um escritor falecido, principalmente quando a morte foi um fator inesperado, um corte brusco numa trajetória literária, ocorrido sem que o escritor tenha deixado o seu espólio organizado e preparado para a leitura de futuros pesquisadores, as advertências sobre como empreender esta leitura são equivalentes ao fetiche em torno do desvendamento deste material inacabado, conforme ressalta Marília Cardoso:

Se o trato com os manuscritos inspira paixão e desencadeia o suspense diante da possibilidade de desvendamento de um espaço privado enigmático, também pode constituir uma armadilha, levando à distorção do sujeito e à mistificação da arte. O leitor de manuscritos precisa defender-se com cautela e perspicácia (CARDOSO, 1997: 56)

Somada a esta armadilha do arquivo, a morte precoce de Cacaso, assim como a de outros autores, enquanto dado biográfico inescapável, também inspira cautela. Flora Süssekind, em seu artigo “Hagiografias”, publicado na revista *Inimigo Rumor* nº 20, afirma de que forma escritores brasileiros de vida breve (e ela lista, além de Cacaso, Ana Cristina Cesar, Paulo Leminski, Torquato Neto, Mario Faustino e Caio Fernando Abreu) sofreram com a morte precoce um rápido processo de canonização literária; canonização que produz “algo próximo às histórias de santos quando se toma qualquer um deles como objeto de estudo” (SÜSSEKIND in AZEVEDO: 2009, 31). A efetiva relevância de Cacaso em relação ao seu tempo e aos seus congêneres, após a sua morte, foi de certa forma obscurecida justamente pela sua hagiografia. A imagem do poeta-letrista então recém-falecido disseminada nos obituários da imprensa reforçava o aspecto

angelical de Cacaso — um destes obituários, escrito por Wilson Coutinho para o *Jornal do Brasil*, chamava-se não à toa de “O som de um anjo”. Morto não porque deu cabo à própria vida ou pelas decorrências do abuso do álcool, como foram os casos respectivos de Ana Cristina Cesar e Paulo Leminski, Cacaso faleceu de um fulminante ataque cardíaco no dia 27 de dezembro de 1987, em plena produção e atuação no panorama cultural brasileiro. As sucessivas homenagens saudosas a Cacaso, sejam elas textos publicados, discos lançados ou espetáculos encenados, em memória ao poeta, somadas à rarefeita reedição de sua obra ao longo dos últimos 25 anos, contribuíram ainda mais para o obscurecimento de uma fortuna crítica isenta da mera exaltação e da repetição de chavões acerca da vida e da obra do poeta, incontingências do dinamismo do panorama literário, que segundo Antonio Candido, complica-se “pela ação que a obra realizada exerce tanto sobre o público, no momento da criação e na posteridade, quanto sobre o autor, a cuja realidade se incorpora em acréscimo, e cuja fisionomia espiritual se define através dela” (CANDIDO, 2008: 84).

1.3

“Inclusive, aliás...” é, na realidade, título do primeiro conto (de um total de apenas dois) de Cacaso publicado (em fevereiro de 1986 na revista *Novos estudos CEBRAP*). Na narrativa, o personagem Tio R., durante sua estadia na casa de seu sobrinho, o narrador é o responsável por uma sequência de atos “anormais”, nas palavras de Cacaso, em relação à rotina da família. R. primeiro surge no conto como suposto dono de um revólver encontrado na mão de um assassino. A arma, ele teria dado no boteco para pagar suas dívidas com o álcool. Para resolver o imbróglio familiar, “provar que boi não é abóbora” (CACASO, 1986: 69), foi preciso a intervenção do primo advogado. Mais a frente R. é acusado de engravidar a empregada doméstica de um prédio vizinho. Depois, quase é expulso da casa do sobrinho por urinar nas bordas do vaso sanitário. O clímax do mal-estar durante sua estadia é quando Tio R. resolve vender animais — ilegalmente — e armazená-los na área de serviço do apartamento. A todo o momento o tio tenta remediar os constrangimentos perante a família, explicando-se sempre com o bordão “inclusive, aliás...”, na tentativa de contornar o acontecimento,

reconduzindo a narrativa para lugares ainda mais insólitos do que os próprios atos do personagem:

— Não foi nada. Inclusive, o senador está ao par de tudo... Aliás... Que senador? Não foi possível saber. A história ficou assim, meio nublada. (idem)

O sarcasmo do conto, característico de toda a obra de Cacaso, serve de título à tese, pois toda trajetória intelectual, conforme já dito, é dinâmica, a todo instante passível de rasuras, correções, contradições, enxertos, etc. A trajetória de Antonio Carlos não foge à regra. Este dinamismo, presente na epígrafe atribuída a Michelangelo Antonioni sobre a funcionalidade da arte, *a priori* de caráter inconstante, significa na obra de Cacaso a busca, ao mesmo tempo incessante e interrompida, por soluções; sejam elas estéticas, sociopolíticas ou pessoais.

1.4

Em conjunto com este estudo, duas publicações a serem editadas ainda em 2012, ano da defesa desta tese, representam a plenitude do meu trabalho sobre a vida, a obra e o arquivo de Cacaso. A primeira, o *Inventário do arquivo Cacaso*, a ser publicado pela Fundação Casa de Rui Barbosa. Com a exceção de alguns dos textos presentes nos 25 cadernos de autoria do poeta, em poder de Pedro Landim, estarão catalogados no inventário todos os documentos inéditos citados nesta tese. A outra, conforme já revelado, é a publicação do livro de inéditos de Cacaso, pela editora Ouro Sobre Azul. De acordo com o projeto original do livro, grande parte dos textos não publicados do poeta — poemas, contos, notas, desenhos, diários, crônicas e documentos diversos — será reproduzida em *fac-símile* no volume cujo título provisório também é “Inclusive, aliás”.

Desejo que após esta tese de doutorado, e as vindouras publicações de inéditos e do inventário do arquivo de Cacaso, suscite, sem muito tardar, nova fortuna crítica sobre o poeta, apresentando novos caminhos, refutando as minhas observações, abordando diferentes perspectivas da obra do poeta, bem como sejam publicados novos livros e edições de e sobre Cacaso, sejam feitas novas releituras musicais de seu cancionário e sejam encenados seus espetáculos e o que mais surgir.

Os documentos inéditos relativos ao arquivo de Cacaso foram aqui citados pelo ano de sua composição e detalhados no corpo do texto, conforme necessidade.